

Os Valores Presentes na Produção Musical de Edmilson Marques

Jaciara Veiga*

Mateus Alves**

Um certo fidalgo, em seus momentos de ócio, apreciava ler livros sobre cavalaria. Chegou até a vender pedaços da terra em que trabalhava para comprar diversos livros sobre o assunto. As histórias sobre os cavaleiros assumiam grande importância para sua vida. Todavia, a valorização dessas histórias ocorria de forma derivada¹, pois o que ele valorizava, fundamentalmente, era aquilo que guiava os cavaleiros — justiça, amor, honra, amizade —, valores dos quais o pobre fidalgo acreditava não poder concretizá-los com o seu modo de vida. Era imprescindível abandoná-lo.

É, então, quando este fidalgo adota o nome de *Dom Quixote de la Mancha* e, posteriormente, retira-se do lugar onde vive para se lançar nas aventuras que o mundo o pode oferecer, que percebemos sua ética fundamentada anacronicamente nos valores dos cavaleiros da sociedade feudal, já em ruínas. Esses valores eram tão significativos, tão poderosos para *Dom Quixote*, que era indispensável que os moinhos de vento se transformassem em gigantes como forma de trazer-lhe satisfação.

Assim como *Dom Quixote*, os seres humanos se orientam pelos seus valores. Os seres humanos são seres valorativos - a escolha de uma música específica para escutar por esta ser “bonita”, a comemoração pela ascensão de um cargo no interior de uma empresa por ganhar mais dinheiro - são manifestações de valores. Os valores, no entanto, não são atributos das coisas, mas sim atribuições que fornecemos a elas (VIANA, 2007). Na música, por exemplo, que é produto do trabalho intelectual humano, encontramos manifestações de valores. Os valores se manifestam tanto explicitamente, por meio da letra que transmite uma mensagem, como implicitamente, através da técnica, do formalismo etc.

O presente artigo tem como objetivo analisar a produção musical de Edmilson Marques buscando demonstrar quais valores são manifestados na mesma. Primeiramente, realizaremos uma breve discussão sobre valores, e só depois é que analisamos efetivamente

* Mestranda em sociologia pela Universidade Federal de Goiás; e-mail: jaciarar.veiga@gmail.com.

** Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás; apreciador de músicas críticas. E-mail: mateus_alves@ufg.discente.br.

¹ A distinção entre valores primários e valores derivados será exposta mais adiante.

as músicas de Edmilson Marques - com foco nas letras, mas também observando alguns aspectos formais.

Os Valores e a Música

Os seres humanos são seres valorativos. *Dom Quixote* abandonou totalmente seu modo de vida guiado por seus valores feudais - a justiça, a nobreza e o amor feudais. *Sancho Pança* igualmente abandonou seu modo de vida guiado por seus valores, mas o que ele valorava, de forma ingênua, era o conforto da riqueza ou do poder. O que esses casos têm em comum é a manifestação de valores.

O valor é algo significativo, importante, para um indivíduo ou grupo social. Os valores, por conseguinte, são o conjunto de “seres” (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupo social. Portanto, se dissermos que algo tem valor, queremos simplesmente dizer que ele é significativo, importante. Por conseguinte, o valor não é um atributo natural dos seres (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.) e sim uma atribuição que fornecemos a eles (VIANA, 2007, p. 19-20).

Os “seres” (objetos, ações, ideias, projetos, pessoas etc.) são valorizados pelos indivíduos, não por estes possuírem atributos naturais extraordinários dignos de valor *per se*, mas exatamente porque os seres humanos fornecem a eles significância, importância. Em outras palavras, há a valoração dos “seres” pelos seres humanos. Esta também é a explicação para a falta de consenso em relação à valoração dos “seres”.

Um mesmo objeto pode ser valorado por alguns indivíduos, enquanto, para outros, este é indiferente. A valoração ocorre mediada pela consciência dos seres humanos e não diretamente pelas características de um “ser” específico. A consciência é, por sua vez, determinada, *num primeiro momento*, pelo modo como os seres humanos produzem e reproduzem seus meios de vida.

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra

coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 2007, p. 93-94).

Modos de produção diferentes geram valores diferentes, e é por isso que a história de *Dom Quixote* é cômica, pois mostra o conflito entre os valores burgueses em ascensão com os valores da sociedade feudal em ruínas. Os seres humanos que se inserem em relações sociais feudais terão uma maneira radicalmente diferente de produzir ideias, representações, valorações etc. em relação aos indivíduos que estão inseridos na sociedade capitalista. No entanto, ainda assim, estas duas sociedades — feudal e capitalista —, compartilham algo em comum, pois são sociedades baseadas nos antagonismos de classes. No interior das sociedades classistas, há uma divisão social que permite a falta de consenso em relação ao que é valorado ou não, porque o modo de vida de cada uma das classes se difere, bem como seus interesses que podem ser opostos ou antagônicos, gerando, em correspondência, valores opostos e valores antagônicos. Nas sociedades não-classistas, há homogeneidade na valoração, por esta fornecer um modo de vida comum a todos os seres humanos que nela estão inseridos.

Na sociedade capitalista, onde as suas classes fundamentais são os burgueses e proletários, não há consenso entre o que é valorado, exatamente em decorrência das classes sociais. Um indivíduo inserido na sociedade capitalista pode valorizar tanto o próprio dinheiro, que pode chegar a não confiar nas pessoas por medo de alguém querer roubá-lo. Enquanto outro pode valorar tanto a amizade que emprestar dinheiro para um amigo é um prazer por estar se solidarizando em um momento de necessidade.

Os seres humanos valorizam certos seres e, a partir dessa valoração, podem valorar outros seres por derivação. Assim, alguém pode fornecer importância para troféus ganhos em decorrência de um outro valor que é a competição. E como diferenciar os valores primários dos valores derivados?

A valoração primária constitui os valores fundamentais (sendo, simultaneamente, um recurso mental para nossas demais escolhas ou constituição de valores) e a valoração derivada constitui os demais valores. Os valores fundamentais de um indivíduo ou grupo social são, ao mesmo tempo, o conjunto de seres que possuem valor e um recurso mental que funciona como critério para avaliar tudo o mais que existe no mundo circundante. A valoração primária tem como foco os seres humanos, as relações sociais. A valoração derivada também. No entanto, qualquer referência a objetos só pode ser uma valoração derivada. Assim, se um indivíduo diz que o quadro *Café*, de Portinari, é belo, ou então que a paisagem de uma determinada área é bonita, isto é uma valoração derivada.

A beleza não é uma característica intrínseca de um quadro ou de uma paisagem. Se um indivíduo afirma que a cooperação (ou a competição) é fundamental para a espécie humana, então realiza uma valoração primária e, portanto, serve de mediação para todas as outras valorações que o indivíduo fizer (VIANA, 2007, p. 21).

Deste modo, um indivíduo pode ter como valor fundamental a sua nação e, derivado desse valor, valorar a bandeira nacional, o hino nacional, e as músicas populares e folclóricas de seu país. Os valores fundamentais são, portanto, guias para os seres humanos realizarem escolhas, preferências, gostos, ações etc. Há uma escala de valores, pois alguns são, concretamente, mais importantes que outros. No exemplo acima, o indivíduo tem como valor fundamental a nação, porém, ele ficará mais insatisfeito com as concepções que querem destruir as nações em nome do internacionalismo, do que com alguém criticando a qualidade da música popular-nacional. A valoração da nação ocorre, simultaneamente, à desvalorização do internacionalismo².

Juntamente com os valores, vêm os desvalores. Com a valoração, a desvalorização. Quando valorizamos algo, estamos desvalorando o seu exato oposto. Isto é mais evidente em relação aos valores (fundamentais) antagônicos: quando alguém fornece importância para a cooperação, naturalmente ele desvalora a competição. “Os valores opostos se sustentam numa oposição que não é fundamental, enquanto os valores antagônicos são inconciliáveis, pois seu antagonismo revela uma manifestação da luta entre classes antagônicas” (VIANA, 2007, p. 23).

Os valores (e desvalores) são constituídos socialmente. Nas sociedades simples (sem classes sociais) não há manifestações de valores antagônicos, nas sociedades de classes, ao contrário, encontramos valores antagônicos. Os valores, nas sociedades de classe, estão intimamente ligados aos interesses de classes, e estes não são igualmente válidos e equivalentes, sendo supostamente uma escolha “subjéctiva” das pessoas, algo que surge “do nada” na consciência de cada um. Existe, portanto, valores autênticos e valores inautênticos.

Os valores autênticos são aqueles que correspondem à natureza humana, sendo, pois, universais. Os valores autênticos só deixariam de ser universais se a natureza humana mudasse ao longo da história, o que não é realidade. Marx foi o pensador que mais avançou na questão da natureza humana, definindo que o ser humano se diferencia dos animais

² Um exemplo de música que desvalora a “nação” e a “pátria”, é a música “pátria amada” dos Inocentes: <https://www.youtube.com/watch?v=1hMmTzc2NG8>.

através de sua atividade vital, que é consciente — teleológica — que visa objetivar o ser humano, satisfazendo suas necessidades e realizando suas potencialidades.

O animal identifica-se com sua atividade vital. Ele não distingue a atividade de si mesmo. Ele é sua atividade. O homem, porém, faz de sua atividade vital um objeto de sua vontade e consciência. Ele tem uma atividade vital consciente. Ela não é uma prescrição com a qual ele esteja plenamente identificado. A atividade vital consciente distingue o homem da atividade vital dos animais: só por esta razão ele é um ente-espécie. Ou antes, é apenas um ser autoconsciente, isto é, sua própria vida é um objeto para ele, porque ele é um ente-espécie (MARX, 1962, p. 100).

Por conseguinte, a atividade vital consciente — o trabalho — bem como a associação dos seres humanos para realizá-lo constituem a natureza humana. Convém destacar que entendemos como manifestação da natureza humana o trabalho como objetivação, exteriorização do ser humano, realização de suas potencialidades, e não o trabalho alienado que existe nas sociedades de classes e, portanto, na sociedade capitalista.

O trabalho, enquanto manifestação da natureza humana, é objetivação, exteriorização do ser humano, de suas potencialidades, mas nas sociedades divididas em classes sociais, passa a ser alienação, um meio para satisfazer outras necessidades, sob a direção de outros seres humanos. A alienação é uma relação na qual o trabalhador é dirigido por outro, o não-trabalhador. É a negação da objetivação, portanto, da natureza humana. A sociabilidade manifesta a natureza humana quando se constitui em relações igualitárias, fundadas na liberdade. Nas sociedades de classes, entretanto, tornam relações de dominação e exploração, negando a natureza humana. [...] A natureza humana e o conjunto de necessidades/potencialidades humanas (expresso nos conceitos de trabalho e sociabilidade) (VIANA, 2007, p. 26).

Assim, valores como liberdade, igualdade, criatividade e cooperação são valores autênticos, pois correspondem à natureza humana. Todo valor que estimula a manifestação da natureza humana é um valor autêntico e é, ele próprio, manifestação da natureza humana. Já os valores inautênticos são aqueles que não correspondem com a natureza humana, que apontam para a supressão dela, e é manifestação da alienação humana. Valores como poder, dinheiro, competição, hierarquia etc. são valores inautênticos, pois reforçam a alienação humana e suprimem a manifestação de sua natureza.

Os valores inautênticos são transitórios, particularistas e históricos. A alienação humana é de interesse da classe dominante, a classe que dirige a classe produtora no processo de produção. E por isso, os valores inautênticos, que reforçam a alienação humana, buscam

regularizar as relações sociais no intuito de reproduzi-las. Temos aqui a axiologia e axionomia.

A axiologia é o *padrão dominante de valores numa determinada sociedade*. [...] Um padrão é, de certa forma, uma configuração, uma forma. Um padrão dominante de valores é, então, um padrão de valores que possui supremacia sobre outros padrões de valores. Uma configuração é uma determinada forma que assume os valores dominantes. Os valores dominantes podem assumir configurações, mas conservam sempre os valores fundamentais correspondentes aos interesses da classe dominante. É por isso que a axiologia é uma *determinada* configuração dos valores dominantes (VIANA, 2007, p. 33).

Os valores dominantes são aqueles que correspondem com os interesses da classe dominante e, portanto, são sempre valores inautênticos que buscam legitimar e reproduzir as relações sociais de dominação e exploração que constituem determinada sociedade de classes. No capitalismo, a competição, hierarquia, poder, dinheiro, são valores que correspondem com o capitalismo. Os valores dominantes (e inautênticos) de uma determinada sociedade são *históricos e transitórios*, pois, são substituídos assim que o modo de produção muda. E são *particularistas*, uma vez que, representam tão somente a classe dominante de uma determinada época.

No entanto, a classe explorada, ao lutar contra a alienação, gera valores autênticos que combatem os valores inautênticos da classe dominante, visando expressar a natureza humana. Uma determinada forma assumida pelos valores autênticos chama-se axionomia.

Chamaremos uma determinada configuração de valores humanos autênticos de axionomia. Ela é uma determinada forma assumida pelos valores autênticos, expressando, geralmente, os interesses das classes exploradas e/ou grupos sociais oprimidos. [...] Os valores autênticos são aqueles que, como colocamos anteriormente, correspondem à natureza humana e que, numa sociedade de classes, expressam os interesses de libertação humana (VIANA, 2007, p. 35).

A axiologia, como é uma determinada configuração de valores inautênticos históricos e transitórios, possui uma maior variação e, por isso, é uma *determinada* configuração de valores dominantes. No capitalismo, a axiologia expressa sempre valores fundamentais da classe capitalista, sendo que em cada período do capitalismo, há novas configurações de valores, apesar de sempre conservarem os valores fundamentais da classe dominante, dos quais são essenciais para a reprodução das relações sociais existentes.

A axionomia, por sua vez, no capitalismo, expressa valores fundamentais da classe proletária. No entanto, a axiologia é hegemônica em uma determinada sociedade, enquanto a axionomia é marginal (apesar de em épocas revolucionárias poder se tornar hegemônica). Isso ocorre em decorrência da força da hegemonia burguesa que reproduz “a consciência, valores, os sentimentos correspondentes aos seus interesses em todas as esferas da vida social e atinge a todas as classes sociais” (VIANA, 2007, p. 95).

Como dito anteriormente, a produção de representações, ideias, a consciência dos seres humanos, bem como os valores de uma determinada sociedade correspondem com as relações de produção do modo de produção dominante. E estas relações são constituídas a partir de forças produtivas já adquiridas em uma época anterior através de relações de produção radicalmente diferentes, que uma vez constituídas torna-se a determinação fundamental do desenvolvimento das forças produtivas (MARX, 2008; MARX, 2017). Então, as produções intelectuais da sociedade feudal são fundamentalmente diferentes das produções intelectuais do capitalismo, pois, cada sociedade possui uma cultura que corresponde a ela. Para analisarmos a música, uma produção intelectual que faz parte da cultura, e é produzida de acordo com interesses, valores, sentimentos de seres humanos, torna-se necessário explicitar o que entendemos por cultura.

A concepção de cultura que não entra em contradição com o marxismo e que é necessária por abarcar um conjunto de fenômenos no interior da sociedade que necessita ser abordada é a que a concebe como “conjunto das produções intelectuais”. Desta forma, distinguimos cultura de outros termos/fenômenos como sociedade, civilização, etc., e, ainda, de termos como consciência, ideologia, etc., pois ela remete a uma totalidade: o conjunto de todas as formas de produção intelectual, as formas de consciência, religião, ciência, filosofia, arte, representações cotidianas, valores, sentimentos, linguagem, etc. A cultura seria um termo que trabalha com o conjunto de produções intelectuais de uma sociedade, sendo uma parte daquilo que se convencionou chamar de “superestrutura”, ou seja, as formas sociais. *Em síntese, a cultura é o conjunto das formas de produção intelectual de uma determinada sociedade* (VIANA, 2018, p. 15-16, grifos nossos).

A cultura é, portanto, o conjunto de produções intelectuais de uma determinada sociedade. Em sociedades onde suas relações de produção não são marcadas pela luta entre classes sociais, a cultura é homogênea. Já nas sociedades de classes, a cultura é marcada pela contradição, onde cada classe produz intelectualmente de acordo com seus valores e interesses de classes. A classe dominante consegue generalizar suas produções intelectuais

para o conjunto da sociedade, que ao serem reproduzidas por outras classes sociais, reproduz, consequentemente, os valores dominantes.

A sociedade capitalista, especificamente, em decorrência de seu modo de produção dominante, possui uma divisão social do trabalho bastante complexa, que possibilitou que uma classe social específica se dedicasse apenas a produção intelectual, originando a classe intelectual — uma classe auxiliar da burguesia, cujo interesse é satisfazer as necessidades burguesas de produções intelectuais voltadas para reproduzir o modo de produção capitalista. Não compreendemos por cultura a produção intelectual dessa classe social em específico, mas sim todas as produções intelectuais de uma determinada sociedade, incluindo todas as classes sociais, no caso específico do capitalismo.

Os intelectuais, enquanto classe, complexificam o processo de produção intelectual, expressando uma cultura complexa e diversificada, o que também é possibilitado pela tecnologia, a existência do capital comunicacional e meios de comunicação desenvolvidos sob as relações de produção capitalistas. Assim, surgem as esferas sociais e, dentre elas, a esfera artística.

O desenvolvimento capitalista é marcado por uma ampliação da divisão social do trabalho e ao lado dela, subdivisões. Ela gera uma divisão do trabalho intelectual, criando esferas sociais distintas (artística, científica, técnica, etc.) e, em cada uma delas, subdivisões. *A esfera artística é subdividida em subesfera literária, subesfera musical, subesfera teatral, subesfera cinematográfica, entre outras* (VIANA, 2016, p. 195, grifos nossos).

A arte é uma forma específica de produção intelectual, sendo parte da cultura. Porém, a arte se diferencia de outras produções intelectuais como a ideologia, teoria, as representações cotidianas etc. A ideologia, por exemplo, é uma forma de pensamento complexo (sistematizado) e ilusório. Enquanto a teoria é uma forma de pensamento complexo e verdadeiro, expressão da realidade. Então, qual a especificidade da arte em relação a essas outras produções intelectuais? A arte é a expressão figurativa da realidade, produzida por seres humanos inseridos em relações sociais específicas, de acordo com seus valores, interesses etc.

Assim, a obra de arte é expressão figurativa da realidade, mais ou menos rica, mais ou menos verdadeira, mas sempre manifestando a perspectiva do artista diante do mundo, sendo que sua perspectiva é constituída

socialmente e faz parte das relações sociais, sendo expressão de uma ou outra classe social existente (VIANA, 2007b, p. 46).

A música é uma forma de arte, pois é uma forma de expressar a realidade figurativamente. Através dela, expressa-se a realidade de forma figurativa, manifestando também valores, interesses etc., seja explicitamente ou implicitamente. Lembremos que a música, assim como toda forma artística, é produto do trabalho intelectual humano, e está inserida em relações sociais específicas, porquanto, expressa valores autênticos ou inautênticos.

As produções musicais nada mais são do que produtos do trabalho humano, cuja consciência e valores expressos nas músicas são constituídos socialmente. Sendo assim, as músicas devem ser encaradas então como sendo produto das relações sociais, e no caso da sociedade moderna, produto das relações sociais do modo de produção capitalista (MARQUES, 2007, p. 39).

Quando uma música manifesta determinados valores autênticos, esta música é axionômica. Por outro lado, quando manifesta determinados valores inautênticos, correspondendo com os valores dominantes, esta música é axiológica. No interior da sociedade capitalista, há um conjunto vasto de produções musicais que é, em sua maioria, por força da hegemonia burguesa, axiológica. Há uma imposição do capital comunicacional que dita a produção musical, possibilitando encontrarmos facilmente exemplos de produção de músicas axiológicas e, por outro lado, dificultando encontrarmos músicas axionômicas, na TV, no rádio, em propagandas da internet etc.³

As músicas, no capitalismo, também se tornam mercancia, inseridas na dinâmica da acumulação de capital. O capital comunicacional busca lucrar com a vendagem delas, impondo a produção de certas músicas com o intuito de mercantilizá-las. A maioria das músicas escolhidas pelo capital comunicacional são axiológicas (algumas manifestam os valores inautênticos de forma explícita e outras de forma implícita), produzidas já no intuito de serem vendidas e consumadas⁴. Por esse e outros motivos, as músicas axionômicas são

³ Um estudo sobre a manifestação de valores inautênticos na chamada “música sertaneja universitária” pode ser conferido em TELES (2019).

⁴ Mercadorias são constituídas de valor de troca e valor de uso, e são produzidas no interior do modo de produção capitalista. Já as mercancias são produzidas fora do modo de produção, na chamada “superestrutura” (formas sociais). A música, na sociedade capitalista, torna-se mercancia em decorrência da mercantilização das relações sociais. As mercadorias são consumidas e as mercancias são consumadas. Para saber mais sobre mercancia, veja: VIANA (2018).

marginalizadas na sociedade capitalista e possuem um alcance muito limitado em relação às músicas axiológicas.

As grandes empresas oligopolistas de comunicação dominam a produção cultural. As produções culturais alternativas não são hegemônicas e muitas vezes compartilham elementos comuns com a produzida pelos meios oligopolistas de comunicação. Esta dominação é garantida através do processo de concentração e centralização do capital, por um lado, e pela regularização estatal, ligada aos interesses oligopolistas, por outro. As demais produções culturais realizadas sem a utilização de meios tecnológicos de comunicação possuem alcance e resultados extremamente limitados. O processo de ampliação da oligopolização dos meios de comunicação promove um processo de imposição comunicacional que dita a produção cultural, artística e informacional. A produção cultural em geral passa a ser evasiva e, na maioria dos casos, de baixa qualidade. Criam-se, também, nichos de mercado especializado, para as classes sociais privilegiadas ou faixas de consumo específicas, tal como a juventude. A produção artística passa a ser dependente das empresas oligopolistas de comunicação, que podem criar “modas”, e impor determinadas concepções, padrões, produções (VIANA, 2007c, p. 19-20).

Todavia, apesar da força da hegemonia burguesa no conjunto das relações sociais, existe produção de músicas axionômicas. Uma vez que fizemos as considerações teóricas acerca dos valores, podemos enfim, analisar a produção musical de Edmilson Marques.

Edmilson Marques e os Valores de uma “Marionete Consciente”

Edmilson Marques é um músico⁵, multi-instrumentista, que lançou no ano de 2019, seu álbum de estreia “Marionete Consciente”⁶, constituído por treze músicas. Este álbum tem a especificidade de ser recheado, em sua totalidade, de músicas críticas em decorrência da formação intelectual de seu compositor, bem como de seus valores e interesses, intimamente ligados ao interesse pela emancipação humana.

Produções artísticas engajadas e críticas são raras na sociedade atual e bastante marginalizadas em decorrência do ocultamento dessas produções pela hegemonia burguesa via capital comunicacional, estado etc. Sendo assim, acreditamos ser fundamental analisar esta produção artística à luz da teoria dos valores, mostrando concretamente a manifestação

⁵ Edmilson Marques não é “apenas um cantor” ou um músico. Profissionalmente, ele é professor da Universidade Estadual de Goiás, doutor pela Universidade Federal de Goiás. Mas, acima de tudo, é um ser humano interessado pela emancipação humana.

⁶ O álbum “Marionete Consciente” pode ser acessado aqui: https://www.youtube.com/watch?v=zFO8X-iZO1o&list=OLAK5uy_k1_zEvZMVJU8ifPhH1GL4BjMuHfGqUsl8. As músicas desse álbum foram compostas em conjunto com Nildo Viana, em sua maioria. Com exceção de “Inexorabilidade”, composta em conjunto com Lucas Maia.

dos valores autênticos na mesma. Não analisaremos as treze músicas contidas no álbum “Marionete Consciente”, mas tão somente três delas, pois, consideramos que estas demonstram quais os valores que estão presentes no álbum em sua totalidade. As músicas escolhidas foram: “Visita ao Museu”, “Marionete Consciente”, e “Credulidade”. Nesta última, analisaremos tanto os valores, quanto a forma como estes são manifestado.

Visita ao Museu

Composição: Edmilson Marques / Nildo Viana

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Coisas estranhas e impensáveis
Vi dinheiro, carimbo, cassetete
Petshop, sex shop, bonecas inflamáveis
Astros, estrelas, fãs e tietes

Eu também vi terno, gravata e aparência
Formalismo, burocracia e idiocracia
Estado, capital e nada de decência
Seres humanos autômatos em agonia

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Um mundo miserável e com riqueza material
Poucos com muita riqueza
Muitos vivendo na pobreza
Miséria psíquica, sexual e cultural

Nos rostos tristes um sorriso
Uma espécie de esconderijo
O ser escondido atrás da aparência
O ter e o parecer como imanência

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Crianças e jovens presos na escola
Almas presas na tv e nas igrejas
Trabalhadores presos nas fábricas e nas lojas

Consumidores presos em garrafa de coca-
cola

Orgulhosos cantando hino nacional
Iludidos com a torpe cidadania
Seguindo como ovelhas a burocracia estatal
Que racionaliza sua vilania irracional

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Também vi revoltas e revoluções
O poder usando seus canhões
A população destruindo seus grilhões
Acabando com a miséria de milhões

Depois de destruir milhões de vidas
Sacrificadas para sustentar parasitas
Este mundo horrível desabou
E lembranças tristes é o que sobrou

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Fui ao museu conhecer a antiguidade
Descobri uma outra realidade
Conheci um passado tenebroso
Um mundo bastante monstruoso

Nesta música, somos transportados para uma sociedade radicalmente diferente da capitalista, onde a transformação radical foi concretizada e os seres humanos se emanciparam, constituindo uma sociedade autogerida. O capitalismo faz parte do passado, tornou-se um capítulo da história humana que já se encerrou e que é acessada através da visita ao museu. Nota-se, primeiramente, a desvalorização da sociedade capitalista ao afirmar-se que este passado é “tenebroso” e é um mundo “bastante monstruoso”. Alguns “seres” presentes no capitalismo (estado, dinheiro, capital, bonecas infláveis, sex shops, escolas etc.), que eram concebidos até como naturais ou acriticamente, são, agora, desvaloradas, são “coisas estranhas e impensáveis”.

A desvalorização da sociedade capitalista se torna ainda mais evidente quando se explicita a miséria dos seres humanos — “Um mundo miserável e com riqueza material”, “Miséria psíquica, sexual e cultural” —; o sofrimento de seres humanos que são controlados e não possuem liberdade — “Seres humanos autômatos em agonia”. Enfim, toda esta sociedade é desvalorada através das lentes de uma sociedade autogerida, tornando-se apenas “memórias tristes”. As desvalorizações ocorrem, portanto, de acordo com a natureza humana. Tudo aquilo que impede, ou não é manifestação da natureza humana, é desvalorado. Assim, ao lado das desvalorizações daquilo que é sintoma da alienação humana, surge a valorização dos seres humanos e de sua natureza.

Ao final da música, temos a valorização da emancipação humana e da liberdade, pois, se em algum momento a sociedade foi “tenebrosa” e “monstruosa”, cheia de sofrimento e “coisas estranhas”, a emancipação do ser humano, por meio da destruição dessa sociedade, se torna algo positivo — “A população destruindo seus grilhões / Acabando com a miséria de milhões”, “Este mundo horrível desabou / E lembranças tristes é o que sobrou”. Enfim, temos a valorização da sociedade na qual é possível os seres humanos serem livres. Na sociedade presente (autogerida), constituída radicalmente diferente da do passado (o capitalismo) é possível a liberdade do ser humano, sem sofrimentos ou “coisas estranhas e impensáveis”. Os valores autênticos expressos na música, tais como natureza humana, emancipação, liberdade e a sociedade autogerida (comunista), perpassam toda a produção musical. Toda essa valorização se torna ainda mais intensa ao lado da desvalorização da sociedade capitalista em sua totalidade. A música “Visita ao Museu” é, portanto, axionômica.

Marionete Consciente

Composição: Edmilson Marques / Nildo Viana

Eu não sei o que fazer	Se resolvo prestar vestibular
Não sei o que falar e o que pensar	Um orientador vocacional vou consultar
Não sei o que comer	
Não sei nem do que reclamar	Alguém sempre sabe o que devo fazer
	Uma mão invisível me controla
Para tudo preciso de um especialista!	Sou uma marionete na escola
Para saber o que comer	Agora é possível perceber
Preciso de um nutricionista	
Estou ficando louco	Agora sei o que fazer
Então preciso de um analista!	Sei o que falar e o que pensar
	Decido o que comer
Se tenho problema amoroso	Não preciso reclamar e sim lutar
Procuo uma cartomante	
Sem alguém para me dizer o que fazer	Uma marionete consciente é diferente
Eu me transformo num errante	Chega o momento do rompimento
	Chega de ser tratado como excremento
Eu não sei o que fazer	Chega de sofrer e ver sofrer indiferente
Não sei o que falar e o que pensar	
Não sei o que comer	Agora sei o que fazer
Não sei nem do que reclamar	Sei o que falar e o que pensar
	Decido o que comer
Se um dia resolvo viajar	Não preciso reclamar e sim lutar
Um agente de turismo vou procurar	

A música “Marionete Consciente”, música homônima ao álbum, nos apresenta um ser humano que não pensa ou age por si mesmo, pois, devido a complexa divisão social do trabalho na sociedade capitalista, é tanto controlado, quanto limitado por ela. Nela estão expressos a desvalorização do controle, da falta de autonomia e da limitação dos seres humanos tolhidos pela divisão social do trabalho, em suma, da alienação humana. Um ser humano que não sabe pensar, não sabe o que comer, e tudo que decidir fazer deve ser controlado e assistido por outra pessoa, é algo bastante negativo.

Essa desvalorização é explicitada de duas formas. A primeira, tornando a vergonha ainda mais vergonhosa, ao revelar um ser humano que chegou ao ponto de não saber o que comer, o que pensar etc., mostrando assim, tamanha limitação deste ser. As determinações para essa limitação encontram-se no controle — “Uma mão invisível me controla, sou uma marionete na escola”; e na falta de valorização ao ser humano — “Chega de ser tratado como um excremento”. A outra, é explicitada por meio da própria interpretação que o compositor

realiza, intensificando as desvalorizações através da forma que as canta, contrastando com o momento da música onde a marionete torna-se consciente de sua própria alienação.

Com a desvalorização, vem a valorização. Se de um lado, encontramos a desvalorização da limitação do ser humano, de sua falta de autonomia, dos sintomas da alienação humana, do outro, encontramos a valorização de seu exato oposto: das potencialidades do ser humano (intelectuais, criativas, etc.), de sua liberdade e natureza. Ao final da música, é expressa a valorização da tomada de consciência dos seres humanos em relação à própria condição de alienado, bem como da necessidade de lutar contra ela — “Não preciso reclamar e sim lutar”, “Chega o momento do rompimento” — e, por conseguinte, da emancipação humana.

Essa valorização é intensificada através da interpretação de Edmilson Marques, que passa a cantar de maneira mais intensa, bem como muda o ritmo da música e faz uma inversão da sequência de acordes tocados. Quando o ser humano não é, na música, consciente de sua própria condição de alienado, a sequência de acordes são Dó com Nona (C9), Fá (F) e Si bemol com Nona (Bb9), mas quando se torna consciente de sua própria condição de alienado, a sequência de acordes é invertida para Bb9, C9 e F. O avanço da consciência da marionete é acompanhado por uma mudança formal na música, demonstrando, assim, que a determinação fundamental do aspecto formal é a mensagem que se quer transmitir. Aqui, é realizada uma valorização da mensagem através do aspecto formal da música.

Mais uma vez, se expressa valores autênticos — ser humano, luta contra a alienação, emancipação humana, natureza humana, liberdade. Esses valores autênticos são ainda mais intensificados com a desvalorização do controle, da limitação e da falta de valor dos seres humanos na sociedade capitalista, em suma, da alienação humana. A música “Marionete Consciente” é, também, uma música axionômica.

Até aqui, já foi possível notarmos que a produção musical de Edmilson Marques é marcada por valores autênticos, bem como pela desvalorização de tudo aquilo que impede a manifestação da natureza humana. Também, ele busca intensificar a mensagem da música através de seu aspecto formal. A forma não aprisiona o conteúdo, e isso ficará mais evidente na análise da música “Credulidade”.

Credulidade

Composição: Edmilson Marques / Nildo Viana

Eu acredito em tudo que é dito
É isso o que eu sinto!
Eu digo e repito: eu acredito!

Eu acredito!
No mundo tudo é transparente
O creme dental e a forma da escova vão
salvar meu dente!
O meu professor é muito inteligente!

Eu acredito!
Na propaganda da TV e na fala do
comerciante!
No atendente da farmácia e no negociante
Eles querem o meu bem estar e me ver
elegante!

Eu acredito em tudo que é dito
Isso é o que eu sinto
Eu digo e repito: eu acredito!

Eu acredito!

Na neutralidade científica e autonomia da
arte!
O futebol é um esporte sem corrupção!
Como na política, isso é exceção!
Eu acredito!

Em discurso de político e nas eleições!
Nos empresários e suas boas intenções!
Na colaboração entre as nações!

Eu acredito em tudo que é dito
Isso é o que eu sinto
Eu digo e repito: eu acredito!
Eu acredito!

É justo o preço do combustível!
A revolução não é possível!
E a utopia é impossível!

Eu acredito em tudo que é dito
Isso é o que eu sinto
Eu digo e repito: eu acredito!

Nesta música é apresentado um ser humano bastante crédulo. Este acredita em todo e qualquer discurso sem verificar a sua veracidade, ignorando a análise das relações sociais concretas. Acredita desde em políticos nas eleições até no suposto preço justo do combustível. A forma que se realiza as valor ações e desvalorizações, nesta música, é fundamental para compreendermos a produção musical de Edmilson Marques.

As desvalorizações ocorrem através do exagero. Até pessoas bastante ingênuas questionam negociantes, propagandas na TV, comerciantes, o preço do combustível etc. Porém, a pessoa crédula da música também acredita em discursos que a maioria das pessoas na sociedade capitalista acreditam: que a revolução não é possível, a utopia é impossível, na neutralidade científica, autonomia da arte etc. Quando colocadas lado a lado, tanto o exagero da credulidade quanto discursos que realmente não são questionados pela maioria, estimula-se a desconfiança daquilo que é tomado como verdadeiro. Instiga-se ao ouvinte pensar criticamente: será que realmente a revolução não é possível? Será que há autonomia da arte? Será que acreditar nestas coisas é tão ridículo quanto achar justo o preço do combustível?

A música realiza uma perspicaz desvalorização do pensamento acrítico, e de discursos que visam legitimar ilusões da sociedade capitalista (a não existência da corrupção no futebol, a suposta representação eleitoral, o discurso do capital farmacêutico, a ciência etc.). Ao lado dessa desvalorização, ocorre a valorização do pensamento crítico, e no final da música é realizada valorização da revolução, da utopia e, portanto, da emancipação humana.

No entanto, o que queremos deixar claro é a utilização de recursos formais para intensificar a mensagem. Na música, isso é realizado através da forma irônica como o Edmilson Marques canta. Diferentemente de algumas produções musicais, onde o aspecto formal é o elemento central e fundamental, a produção musical de Edmilson Marques faz com que a forma intensifique o conteúdo e a mensagem da música. Esta especificidade da determinação formal das músicas dele é, por conseguinte, uma valorização, pois valoriza o conteúdo, a mensagem da música, e não somente a técnica e a forma em si mesmas. Entretanto, ressaltamos que não estamos defendendo que a forma não tem nenhuma importância para a música e que o conteúdo é tudo. Na verdade, defendemos que o aspecto formal da música deve corresponder ao conteúdo e a mensagem da música. A forma não deve “aprissonar” o conteúdo, mas ao contrário, deve intensificá-lo e evidenciá-lo.

Por fim, podemos afirmar que a totalidade das músicas de Edmilson são axionômicas, expressando valores autênticos e desvalorando tudo aquilo que reproduz a alienação humana. Também, concluímos que as músicas de Edmilson são marcadas pela relação entre conteúdo e forma, sendo que o segundo busca evidenciar o primeiro.

As produções musicais da sociedade atual são marcadas por valores inautênticos, contribuindo para a reprodução, legitimação e perpetuação da alienação humana. É necessário, então, ter consciência dos valores expressos nas obras musicais. A partir da análise da produção de Edmilson Marques, constatamos que, além de necessário, de ser possível. Esperamos, deste modo, que nossa análise contribua para que caminhos em direção a mais produções artísticas axionômicas sejam trilhados.

Referências

MARQUES, Edmilson. A Música na Sociedade Moderna. In: VIANA, Nildo (org.). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro: Colifeu, 2007.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. In: FROMM, Erich. O Conceito Marxista do Homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

TELES, Gabriel. Uma Breve Análise do Sertanejo Universitário. *Sociologia em Rede*, vol. 9 num. 9, 2019.

VIANA, Nildo. *Os Valores Na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

VIANA, Nildo. Marxismo e Cultura. *Práxis Comunal*, vol. 1, num. 1, p. 13-31 jan./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/article/view/11948>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

VIANA, Nildo. Regimes de acumulação e épocas literárias. *Revista Sísifo*, Feira de Santana-BA, v. 1, nº 3, p. 188-214, Maio. Ano 2016. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2016/05/regimes-de-acumulacao-e-epocas.html>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística: Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. Porto Alegre: Zouk, 2007b.

VIANA, Nildo. Para Além da Crítica aos Meios de Comunicação. VIANA, Nildo (org.). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro: Colifeu, 2007c.

VIANA, Nildo. *A Mercantilização das Relações Sociais: modo de produção capitalista e formas sociais burguesas*. Curitiba: Appris, 2018.